

CISION®

PRESS BOOK

Clipping 2019-05-06

CISION®

1. Falta de mão-de-obra leva hotéis a adiar inaugurações, i, 06/05/2019	1
2. Maiores casinos com futuro incerto por atraso do concurso, Público, 06/05/2019	3
3. Eat at Local's: Para quem quer abrir a porta de casa a turistas, Dinheiro Vivo, 04/05/2019	7
4. Turismo - Mais 65 novos hotéis em 2019, Sol, 04/05/2019	9
5. O algarve e os turistas, prós e contras do turismo de massa, DiáriOnline Online, 05/05/2019	11
6. Alojamento com diárias de luxo, Jornal de Notícias - Urbano, 05/05/2019	12
7. Loulé investe 16 milhões para promover investigação científica, atrair médicos e melhorar saúde no Algarve, Barlavento Online, 05/05/2019	13
8. 5,1 milhões de viagens de residentes em Portugal ..., Expresso - Economia, 04/05/2019	15
9. Chegámos a um ponto de viragem no turismo - Entrevista a Dionísio Pestana, Expresso - Economia, 04/05/2019	16
10. Espanha- Negócios com Portugal imunes à instabilidade governativa, Expresso - Economia, 04/05/2019	19
11. Feira Ibérica de Turismo na Guarda, RTP 1 - Jornal da Tarde, 04/05/2019	20
12. Feira Ibérica de Turismo na Guarda, SIC - Primeiro Jornal, 04/05/2019	21
13. Resposta do turismo às alterações climáticas é tema de conferência em Faro, DiáriOnline Online, 04/05/2019	22
14. Turismo e Alterações Climáticas dão mote a conferência em Faro, Barlavento Online, 04/05/2019	24



Apesar do abrandamento de turistas, o setor continua a investir em nova oferta

MIGUEL SILVA

Turismo. Falta de mão-de-obra já leva hotéis a adiar inaugurações

Para este ano, está previsto surgir 65 novos hotéis – a maioria em Lisboa e no Porto – e 15 remodelações. No total vão nascer mais 1556 quartos.

SÓNIA PERES PINTO
sonia.pinto@ionline.pt

A falta de mão-de-obra no turismo continua a penalizar o setor e já há hotéis que são obrigados a adiar a sua inauguração por falta de trabalhadores. A garantia foi dada ao SOL pela presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal, Cristina Siza Vieira. Uma questão que ganha novos contornos quando está prevista a abertura de mais 65 novas unidades este ano – só em Lisboa são esperados 22 hotéis e o Porto deverá receber 15 –, traduzindo-se num aumento de mais de 570 quartos. Estão previstas ainda 15 remodelações, com a capital a ser alvo de quatro, reforçando a oferta em mais 986 quartos.

Ainda que o foco esteja nas grandes cidades, o resto do país não fica esquecido. Estão previstos, além de sete novas unidades hoteleiras e uma remodelação no Centro, cinco novos hotéis para o Alentejo e duas remodelações. Também os Açores e a Madeira vão ser reforçados com mais uma e três unidades, respetivamente.

“Há muitos anos que temos vindo a alertar para a escassez de trabalhadores no setor”. Um problema que, de acordo com a responsável, não é exclusivo deste mercado, mas que ganha maiores proporções face ao crescimento deste negócio face a outros. “Há falta de trabalhadores desde o staff até ao serviço de apoio, no fundo é transversal em todos os serviços”, esclarece. O cenário

de aumento de oferta e melhores taxas de ocupação exigem mais profissionais na hotelaria”. E lembra que “às vezes nem sequer há as pessoas necessárias para abrir um hotel que já está pronto em termos de infraestruturas”.

A preocupação é partilhada por Ana Jacinto, secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) que chega a admitir que o setor precisa, pelo menos, de 40 mil trabalhadores. “No ano passado fizemos uma grande reflexão sobre o mercado de trabalho e em janeiro de 2018 fizemos um inquérito aos empresários do setor, e já nessa altura diziam que, se tivessem 40 mil trabalhadores disponíveis, teriam absorvi-

do esse número de trabalhadores”, revelou em entrevista ao i.

termos salariais e de progressão de carreira.

ENTRAVES NA CAPTAÇÃO A rotatividade, os horários noturnos e, até mesmo a sazonalidade em determinadas zonas do país – como é o caso do Algarve que, apesar de ter assistido a uma redução, continua a sofrer desse problema – são apontadas pelas responsáveis do setor como os principais entraves de captação de profissionais para este mercado. Ainda assim, mesmo em época baixa, as empresas estão a contratar, o que significa que estamos no “bom caminho no que respeita ao combate da sazonalidade”.

No entanto, a opinião é unânime: “É um trabalho exigente e penoso”, mas compensado em

PESO NA ECONOMIA A verdade é que, apesar destes entraves – abrandamento do crescimento do turismo e da dificuldade de contratação de mão de obra – o setor tem vindo a contribuir para a criação de novos postos de trabalho. Entre 2015 a 2017, no canal Horeca, ou seja restauração e hotelaria, foram criados 64.600 postos de trabalho. Mas a este número há que acrescentar ainda os novos referentes a 2018 e ao início do ano.

Mas os números não ficam por aí. O setor do turismo, no final de 2017, registava mais de 146.600 empresas, que empregavam mais de 440 mil trabalhadores, de acordo com os últimos dados do INE. No entanto, tendo em conta apenas o canal Horeca, existiam, no final de 2017, 104.800 empresas e, no final do ano seguinte, empregava 328.500 trabalhadores.

Em 2019 a meta dos 400 mil trabalhadores já foi ultrapassada, de acordo com as contas da secretária de Estado do Turismo. “Ainda não temos números finais do mês de abril de 2019, mas já em meados de abril ultrapassámos pela primeira vez o número de 400 mil trabalhadores a trabalhar no turismo. Nunca tivemos esse valor, em nenhum mês do ano, e é ainda mais importante isto acontecer no mês de abril”, referiu Ana Mendes Godinho.

AHRESP já tinha admitido que setor precisava, pelo menos, de mais 40 mil trabalhadores

Governo revelou que a meta dos 400 mil trabalhadores já foi ultrapassada no início do ano



1,20 € // Segunda-feira, 6 maio 2019 // Ano 9 // Diário // Número 2946 // Diretor: Mário Ramires // Dir. exec.: Vitor Rainho // Dir. exec. adjunto: José Cabrita Saraiva // Subdir. exec.: Marta F. Reis // Dir. de arte: Francisco Alves

inevitável

ENTREVISTA A PEDRO SANTANA LOPES, LÍDER DO ALIANÇA

“A política portuguesa está de cabeça para baixo, ao contrário”

“O PSD e o CDS com o Bloco e o PCP fizeram de geringonça, e Costa e Centeno fizeram de Passos Coelho e Vítor Gaspar”

“Não me lembro de na história da democracia portuguesa os partidos do centro direita festejarem com Mário Nogueira”

“A Assembleia não pode decidir por uma classe e esquecer todas as outras”

// PÁGS. 4-6

Professores. Rio atira-se a Costa e já admite recuo

// PÁGS. 2-3

Deputados do PSD criticam Santos Silva por não ter estado numa reunião que não existiu //

PÁG. 9

Turismo. Falta de mão-de-obra leva hotéis a adiar inaugurações

// PÁG. 16

Passadeira LGBT de Arroios. “Toda a polémica é um absurdo”

Ao i, Vitor Teles, autor da iniciativa e eleito pelo CDS, confirma que o partido sabia das suas intenções // PÁG. 8

Vice dos motoristas de matérias perigosas em jantar da Maçonaria

// PÁG. 12

Taguspark. Homicida usou uma arma de guerra // PÁG. 14

Graham Greene. Ensaio levam-nos por uma peregrinação em busca de uma outra fé

// PÁGS. 36-39

Floresta. Programa de ordenamento florestal privilegia eucaliptos na Peneda Gerês

João Branco, presidente da Quercus, diz que medida favorece a produção de celulose // PÁGS. 10-11



Atraso no concurso ameaça casinos que dão 64 milhões ao Estado

As concessões dos casinos de Lisboa, Estoril e da Figueira da Foz terminam no próximo ano e ainda não há sinal do concurso público internacional

Sónia Trigueirão

As concessões para a exploração dos casinos do Estoril e de Lisboa, que pertencem à Estoril-Sol, assim como o da Figueira da Foz que pertence à Figueira Praia, participada pela Amorim Turismo, terminam em 31 de Dezembro de 2020, mas os respectivos concursos públicos internacionais já deviam ter sido lançados. Segundo se queixam os operadores turísticos do sector, este atraso pode colocar em causa a actividade operacional dos casinos, assim como os investimentos futuros.

Juntos estes três casinos pagaram, no ano passado, mais de 64 milhões de euros em impostos ao Estado, ou seja, ao Turismo de Portugal, que é a entidade que tutela o sector e que arrecada a verba. Em quatro anos, só estes três casinos deram aos cofres da mesma entidade mais de 233 milhões de euros. Ao PÚBLICO Mário Assis Ferreira, presidente não executivo da Estoril-Sol, diz que “é obviamente preocupante que ainda não se saiba

nada dos concursos”, uma vez que estes são internacionais e, por norma, estão “sujeitos a uma série de burocracias legais”. “Temos a promessa do Governo de que seríamos consultados para contribuir com o nosso conhecimento para a elaboração do caderno de encargos, mas até agora nada aconteceu”, adiantou.

O gestor deixa a garantia de que, “obviamente, a Estoril-Sol vai concorrer”, mas admite que este concurso não seja pacífico, uma vez que é um negócio que vai interessar a outros grupos do sector, nomeadamente internacionais.

Mário Assis Ferreira, alerta para os eventuais riscos de um concurso preparado em cima do joelho. “Seria uma excepção que, no fim destes concursos públicos internacionais, não existam diferendos com os concorrentes preteridos”, afirmou, acrescentando que é “previsível que depois avancem para tribunal com recursos que se arrastam no tempo”.

O gestor diz que numa actividade que é um factor importante de desenvolvimento económico do país, Governo e Turismo “não podem dar-

se ao luxo de se sujeitar à demora destas questões judiciais que, a partir de 31 de Dezembro de 2020, podem colocar em causa a operacionalidade de três casinos cuja tributação representa a larga maioria das verbas consignadas ao Turismo”.

Recorda ainda que os dois maiores casinos portugueses, que são o do Estoril e o de Lisboa, representam 46,17% da quota de mercado do sector. “Se acrescermos os 4,96% da quota do Casino da Figueira da Foz, dá 53,13% da globalidade dos casinos em operação em Portugal.” Os casinos de Lisboa, Estoril e Figueira da Foz representam juntos mais de 60% do total da tributação do sector.

Também Fernando Matos, administrador da Amorim Turismo e da Figueira Praia, que detém a concessão da exploração do Casino da Figueira da Foz, defende que este atraso no lançamento do concurso internacional representa um risco. “Coloca em causa a gestão dos investimentos futuros e até causa impacto ao nível das expectativas dos recursos humanos”, disse, sublinhando que mesmo assim, e nesta incerteza, a



As contas dos casinos
Em milhões de euros

	Resultados brutos	Liquidação de impostos
Casino do Estoril	2015 61.575.291	23.004.477
	2016 59.225.191	24.283.528
	2017 63.765.438	23.646.548
	2018 64.086.936	25.639.864
Casino de Lisboa	2015 78.993.585	30.332.067
	2016 80.813.200	31.157.177
	2017 83.869.863	31.614.279
	2018 86.777.007	32.551.076
Casino da Figueira da Foz	2015 14.899.654	2.585.040
	2016 14.937.973	2.690.262
	2017 15.004.291	2.963.998
	2018 15.895.450	3.043.995

Fonte: Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos

PÚBLICO

empresa já investiu na renovação das salas de jogos e renovou 30% do parque de máquinas.

Ambos os gestores referem que em 2018 houve uma recuperação dos

resultados, mas ainda estão longe dos valores de anteriores a 2009. Mário Assis Ferreira aponta como razões para essa quebra de resultados o aparecimento de outros jogos, nomeada-



Os casinos portugueses somaram, no ano passado, 318,8 milhões de euros de receitas com a exploração do jogo de fortuna e azar



O sistema não teve o resultado esperado, por questões técnicas, mas pode ser uma meta ainda a alcançar

Mário Assis Ferreira

Presidente não executivo da Estoril-Sol

Turismo gastou 338 mil euros, mas reconhecimento facial não funciona

Sónia Trigueirão

A 31 de Dezembro de 2016 o Turismo de Portugal, presidido por Luís Pestana Araújo, contratou, por ajuste directo, o serviço de reconhecimento facial, sistema para ajudar a controlar e a travar a entrada, por exemplo, dos viciados em jogo em 11 casinos. O valor do contrato com a Companhia IBM Portuguesa foi de 337.833,63 euros, a que acresceu ainda o IVA. Mas o sistema não funciona.

De acordo com Mário Assis Ferreira, presidente não executivo da Estoril-Sol, que tem a concessão da exploração de casinos como o de Lisboa e o do Estoril, “o sistema não teve o resultado esperado, por questões técnicas, mas pode ser uma meta ainda a alcançar”.

Também Fernando Matos, administrador do Amorim Turismo e da Figueira Praia, que detém a concessão da exploração do Casino da Figueira da Foz, confirmou ao PÚBLICO a inoperacionalidade do sistema de reconhecimento facial. “Não funciona muito bem. Está em fase de implementação. Mas com a entrada em funcionamento da obrigatoriedade de identificação dos jogadores à porta das salas de jogo, há já quatro meses, já é possível fazer um controlo.”

A obrigatoriedade de identificar as pessoas que querem aceder à área de jogo nos casinos é uma norma obrigatória na Europa e que se deve à revisão da lei europeia de combate ao branqueamento de capitais, que em Portugal entrou em vigor no final do ano passado.

Ao que apurou o PÚBLICO, as questões técnicas desta inoperacionalidade do reconhecimento facial estão relacionadas com, por exemplo, o problema da luminosidade à entrada das salas de jogos dos casinos, que não permite ao sistema uma clara definição da pessoa a identificar e com o facto de ser necessário colocar uma câmara que faça zoom,

ou seja, aproximação à cara dos clientes.

O facto é que o sistema terá sido mesmo instalado já em 2017, mas não é operacional e têm sido sucessivas as notícias de que é uma novidade e vai avançar. Em Agosto de 2018, voltou a ser notícia que os casinos estariam a instalar à entrada câmaras equipadas com sistemas de reconhecimento facial com o objectivo de travar o acesso aos apostadores impedidos de lá entrar, como o caso dos viciados que tenham solicitado para ser excluídos.

O facto é que o que já está a funcionar é a identificação dos jogadores à porta da área de jogo e que, segundo Fernando Matos da Amorim Turismo, obrigou a um investimento por parte das empresas concessionárias, uma vez que tiveram de contratar mais funcionários. “Cada posto de trabalho criado equivale a dois ou três funcionários, porque é preciso cobrir turnos, feriados e folgas”, sublinhou. Já o sistema de reconhecimento facial, como não decorreu de uma norma europeia obrigatória, mas de um parecer do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRIJ), o custo teve de ser suportado pelo Turismo de Portugal e não pelas empresas concessionárias.



Há 11 casinos em Portugal

O PÚBLICO questionou o gabinete de imprensa do Turismo de Portugal para perceber se houve ou não renovação destas licenças, pagas em 2016, se a ideia de instalar o reconhecimento facial vai persistir e se ia manter o contrato com a IBM, uma vez que na altura da contratação do serviço, por ajuste directo, era dito que as câmaras existentes só funcionavam com o sistema informático fornecido por esta empresa. O PÚBLICO não obteve qualquer resposta.

Segundo o contrato, publicado no Portal Base dos contratos públicos do Governo, foram adquiridas 110 licenças para 11 casinos (Chaves, Póvoa de Varzim, Espinho, Figueira da Foz, Estoril, Lisboa, Tróia, Praia da Rocha, Vilamoura, Monte Gordo e Funchal) e para um total de 401 câmaras móveis. No caderno de encargos era referido que o fornecedor do sistema estava obrigado a “fornecer, instalar, configurar e testar o software necessário para implementar o sistema central que permitiria manter uma base de dados de, no máximo, cinco mil frequentadores proibidos”.

Para se ter uma ideia, em 2018 foram registados 672 pedidos de jogadores, ou seja, solicitações de autoproibições de entrada nos casinos, e desde Janeiro de 2019 até 3 de Maio deram entrada 273.

O contrato assinado pelo Turismo de Portugal e a IBM, para a aquisição das licenças de reconhecimento facial, teve como base legal o parecer do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos. Este parecer justificava o investimento na implementação do reconhecimento facial, a suportar pelo Turismo de Portugal, que recebe as receitas dos impostos sobre o jogo cobrados aos casinos, com o facto de os “sistemas de vigilância de CCTV-circuito interno de televisão assumirem uma importância crucial no controlo e supervisão da actividade de jogo, contribuindo de forma decisiva para o despiste e resolução

mente as apostas online e até a obrigatoriedade de identificar os jogadores à porta das salas de jogos nos casinos. “A lei europeia foi aplicada há quatro meses e para a Estoril-Sol representou uma quebra das receitas na ordem dos 4,5% e os 5%.”

Embora ainda desconhecendo o caderno de encargos dos concursos públicos internacionais para a concessão de exploração dos três casinos (a última foi há mais de 20 anos), Mário Assis Ferreira arrisca dizer que o período ideal de concessão seria de 30 anos, mas que no mínimo não deve situar-se abaixo dos 20 anos.

A preocupação com o lançamento dos concursos advém do facto de o Decreto-Lei 64/2015, de 29 de Abril, ter revogado expressamente o artigo 13.º do Decreto-Lei 422/89, de 2 de Dezembro, cuja norma permitia a prorrogação das concessões em razão do interesse público. Isso significa, e contrariamente ao que sucede, por exemplo, em Macau, que em Portugal esgotados que sejam os prazos das concessões de exploração de casinos actualmente em curso, não se encontra prevista na lei de jogo portuguesa

a possibilidade de prorrogação desses mesmos contratos.

Questionada pelo PÚBLICO sobre o assunto, a secretária de Estado do Turismo respondeu: “As peças dos concursos para atribuição de novas concessões para a exploração de jogos de fortuna ou azar em casinos estão, neste momento, em preparação e os concursos serão lançados, quando esse trabalho estiver concluído.”

O edifício onde está localizado o Casino de Lisboa, no Parque das Nações, e que foi nos tempos da Expo 98 conhecido como o Pavilhão do Futuro, pertence à Estoril-Sol. Algo análogo sucede com o Casino da Figueira da Foz, cuja proprietária do edifício é a Figueira Praia, detentora da respectiva concessão. Fica a dúvida sobre o que acontecerá se, por ventura, não forem as respectivas empresas a ganhar o concurso internacional.

Os casinos portugueses somaram, no ano passado, 318,8 milhões de euros de receitas com a exploração do jogo de fortuna e azar.

sonia.trigueirao@publico.pt



Empresa foi multada várias vezes, mas as concessões nunca lhe foram retiradas

Dívida de quatro milhões obriga a rescindir concessão de bingos

Sónia Trigueirão

Empresa que explora bingos da Nazaré, Odívelas, Porto, Olhão e Coimbra incumpe desde que foram atribuídas concessões

O negócio da concessão da exploração de cinco casas de bingo, na Nazaré, Odívelas, Porto, Olhão e Coimbra, correu muito mal para o Estado. A Pefaco Portugal não cumpre com o pagamento de impostos ao Estado desde que lhe foram atribuídas as cinco concessões do Bingo. Mais grave é que a empresa foi multada por incumprimento várias vezes e as concessões nunca lhe foram retiradas, como prevê a lei, para os casos de incumprimentos.

Está em causa está uma dívida que vem desde 2016 e que ultrapassa os quatro milhões de euros. Para se ter uma ideia, só no ano passado, os cinco bingos da Pefaco tiveram uma receita bruta superior a oito milhões de euros. Apesar das faltas de pagamento sucessivas, o caso apenas se tornou incontornável quando chegou ao gabinete da Secretaria de Estado do Turismo, que tutela o jogo, a informação da existência, em tribunal, de um pedido de insolvência feito por um credor da empresa Pefaco Portugal, em Junho de 2018 e que ainda não foi resolvido.

Desde aí, a situação tem-se arrastado nos gabinetes do Governo, nomeadamente na Secretaria de Estado do Turismo e no Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRIJ), autoridade a quem cabe a fiscalização destas situações. Em Outubro de 2018, uma informação de serviço de uma inspetora da SRIJ para ser levada à secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, referia que pouco depois da assunção da qualidade de concessionária, a Pefaco "iniciou uma série de incumprimentos reiterados, contra-

riando a expectativa gerada junto do Estado português".

Na mesma informação também é referido que foram instaurados diversos processos administrativos, com as correspondentes multas que a Pefaco "não pagou, sendo actualmente devedora de valores avultados".

Mas nada aconteceu. Em Dezembro de 2018 chegou ao fim o contrato do Bingo de Coimbra, quer estava atribuído à Pefaco, tendo o Turismo de Portugal aberto concurso para nova concessão da exploração do mesmo a 29 de Março de 2019, que ainda decorre.

Recentemente, a 9 de Abril, Manuela Bandeira, directora do Departamento de Regulamentação do Jogo, fundamentando-se numa informação de serviço com a mesma data, que recomenda a retirada das concessões dos bingos da Nazaré, Odívelas, Porto e Olhão, elaborou um despacho onde propõe à Comissão de Jogos que delibere submeter à consideração da secretária de Estado que se façam concursos públicos para a exploração dessas quatro salas.

Pedido de insolvência

Segundo a informação que suporta a decisão e a que o PÚBLICO teve acesso, é mais uma vez referido o incumprimento contratual por parte da Pefaco. "Alguns meses após a ocorrência daquela transmissão (atribuídas as concessões), a actual concessionária (a Pefaco) iniciou uma série de incumprimentos reiterados, contrariando assim a expectativa por si gerada junto do Estado português", lê-se.

Contactado pelo PÚBLICO, o Gabinete da Secretária de Estado do Turismo respondeu apenas que "a situação da Pefaco, enquanto concessionária da exploração de salas de bingo, está em análise e têm vindo a ser adoptadas as medidas adequadas às situações verificadas".

Um outra fonte conhecedora do processo referiu que, no que diz respeito ao pedido de insolvência da empresa que se encontra em tribunal, o Estado já procedeu à reclamação

dos seus créditos. Inicialmente a Pefaco queria a concessão de sete salas de bingo mas o processo não foi fácil.

A 2 de Julho de 2015, Teresa Monteiro, vice-presidente do SRIJ indeferiu os pedidos de transmissão da posição contratual para a Pefaco dos bingos de Almada, Nazaré, Setúbal, Odívelas, Boavista, Coimbra e Olhão.

A mesma responsável argumentava que o secretário de Estado do Turismo, na altura Adolfo Mesquita Nunes, tinha indeferido a 1 de Julho a transmissão para a mesma empresa do Bingo do Boavista FC e que a "insuficiência e a natureza da informação recolhida pelo Turismo de Portugal não permitia concluir pela idoneidade da empresa".

Posteriormente, a Autoridade da Concorrência e a Procuradoria Geral da República pronunciaram-se a favor da concessão e a Pefaco acabou por ficar com cinco bingos, iniciando a sua exploração em 2016.

O PÚBLICO tentou falar com André Cortez, gestor da Pefaco, mas não obteve resposta.

Também o Bingo do Clube de Futebol Os Belenenses enfrenta problemas já que o senhorio do espaço onde funciona, no número 15 da Avenida João Crisóstomo, em Lisboa, enviou uma carta a avisar que não tencionava renovar o contrato de arrendamento que terminava a 30 de Abril. Mas até agora não houve qualquer tentativa de despejo.

Patrick Morais de Carvalho, presidente do clube, alega que o senhorio, a Falmacon, ligada a Alfredo Calvão, antigo gestor da Casa da Sorte, quer aumentar a renda de cerca de 13.800 euros "para 30 mil euros por mês", o que não é possível ao bingo suportar financeiramente.

Segundo o dirigente, há também um contrato de exploração do espaço onde está escrito que é o inquilino que aceita ou não renovar. Sobre o concurso para a concessão da exploração do bingo Patrick Morais de Carvalho disse que o clube ainda não decidiu se vai candidatar-se para continuar com a exploração.



RUI GALDINO

Receita bruta dos bingos em 2018

Bingos geridos por empresas do sector turístico		Total
Pefaco Nazaré		33.755.773
Savioti Panda		5.941.217
Savioti Koala		1.829.487
Pefaco-Boavista		5.404.680
Pefaco-Coimbra		1.125.388
Pefaco-Olhão		768.755
Pefaco-Odivelas		583.558
Sport Lisboa e Benfica		572.414
Ginásio Clube do Sul-Almada		2.159.715
Clube de Futebol Os Belenenses		7.415.564
Atlético Clube de Portugal		737.245
Vitória Futebol Clube de Setúbal		1.822.808
Trindade		10.084.458
Surpresa Secret (Amora)		5.808.755
Ilustrinédito (Amadora)		9.452.897

Fonte: Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos

PÚBLICO



Edição Lisboa • Ano XXX • n.º 10.605 • 1,30€ • Segunda-feira, 6 de Maio de 2019 • Director: Manuel Carvalho Adjuntos: Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro Directora de Arte: Sónia Matos



Ennio Morricone
Ouvir
imagens
pela última
vez ao vivo

Cultura, 36



Riscos da revolução digital
Os Big Brothers que nos
seguem, do Facebook às
compras online

Tecnologia, 34/35

National Geographic
Há um milhão de dólares
para quem tiver ideias para
alternativas ao plástico

Ciência, 32

Maiores casinos com futuro incerto por atraso do concurso

• Concessões de Lisboa, Estoril e Figueira terminam no próximo ano e valem 64 milhões em taxas

• Turismo gastou 338 mil euros em sistema de reconhecimento facial que nunca funcionou

• Empresa que explora cinco bingos nunca pagou ao Estado e ainda tem concessão **Destaque, 2 a 4**

PAULO PIMENTA



Professores
PSD e CDS recuam
e entregam
a Costa solução
para a crise
política

Regressam
as condicionantes
económicas
para contagem
de tempo

A opinião de Mário
Nogueira

p10 a 12 e Editorial

O imigrante que perdeu emprego por causa da burocracia

Sem autorização de residência Jorge Nanque ficou no desemprego **p16/17**



CP não tem recursos para evitar nova crise no Verão

Material circulante envelhecido e falta de pessoal são ameaça **p24/25**

Comunidade islâmica quer rezar em novas mesquitas

Em Sintra haverá novo templo em 2020 e o Porto espera por um **p22/23**

Juízes reactivam caução de Vara, apesar de ele estar preso

Tribunal repõe caução de 300 mil euros, embora o ex-ministro esteja preso **p19**

ISSN 0872-1548

Eat at a Local's

Para quem quer abrir a porta de casa a turistas

A plataforma *online* Eat at a Local's pretende mostrar a cultura portuguesa a estrangeiros, que podem reservar mesa diretamente em casa das pessoas e provar da sua comida.

—MARTA VELHO

marta.velho@dinheirovivo.pt

Dona Ângela é a inspiração de Joana Glória. “A minha avó sempre recebeu turistas em casa. Ainda hoje o faz e já o fazia antes até de eu nascer e da moda dos *hostels*. Passei vários natais rodeada de estrangeiros e é por isso que sempre estive aberta ao mundo”, conta a fazedora.

Tudo terá começado aí: o bichinho das viagens e de conhecer novas culturas levaram a algarvia Joana a estudar gestão hoteleira e a abrir duas *guest houses* em Lagos. Com esses negócios, começou a notar uma tendência entre os seus clientes. “Quando fazia petiscadas

reparava que eles preferiam ficar comigo a ir comer a restaurantes.” Estava plantada a semente daquilo que seria mais tarde a Eat at a Local's, uma plataforma onde as pessoas podem inscrever-se para cozinhar, em sua casa, para turistas.

Das *guest houses* ao negócio digital, Joana Glória passou por várias fases. Primeiro, surgiu-lhe o desgaste físico do trabalho, depois uma vontade de vir morar para Lisboa. Por último, nasceu-lhe a certeza de querer um projeto que pudesse desenvolver a partir de qualquer parte do mundo.

A ideia materializou-se em junho de 2017, depois de uma conversa com uma amiga. “Ela co-

mentou comigo que gostava de receber turistas para cozinhar em casa. Aquilo ficou-me na cabeça e, no dia a seguir, acordei e decidi: vou montar um *site*!”

A partir desse momento, tudo se processou rapidamente, recorda Joana Glória. Em julho andou a consolidar a ideia, decidiu o nome – “pensei num nome que fosse um termo pesquisável no Google” – e em agosto estava a contratar uma empresa para lhe desenvolver a plataforma *online*.

Entretanto, concretiza-se outra vontade que lhe atrasa o projeto: mudou-se para a capital do país. “Perdi os negócios no Algarve, porque as *guest houses* eram em casas

Joana Glória lançou a Eat At A Local's em março de 2009.

FOTO: REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

“Já há plataformas internacionais a fazer isto. Por isso, estou com vontade de espalhar Portugal pelo mundo.”

—JOANA GLÓRIA

Fundadora da plataforma digital Eat At A Local's



arrendadas e foi quando decidi vir para Lisboa. A mudança acabou por atrasar um pouco o processo de desenvolvimento do *site*.”

O lançamento oficial do Eat at a Local's estava marcado para o verão de 2018. Acabou por acontecer em março de 2019. Pelo caminho, Joana Glória fez crescer a sua equipa. “Percebi que já não estava a conseguir tratar de tudo sozinha e chamei duas pessoas para ajudar.”

Neste momento, quem aceder à página oficial da plataforma, consegue encontrar nove experiências: tanto almoços como jantares em casa de pessoas que moram em várias geografias portuguesas. O produto é semelhante ao que a gi-



Gastronomia. Transformar a casa num restaurante

São os anfitriões que decidem que tipo de experiência gastronómica querem oferecer: pode ser um almoço, um jantar, um *brunch* ou até uma degustação. A plataforma Eat at a Local's só permite a cada anfitrião desenvolver uma experiência por dia, mas deixa que, para além da refeição, se possa acrescentar outra atividade, como por exemplo aulas de cozinha portuguesa. São as próprias pessoas que definem a data, a duração, o número de participantes que desejam receber (podendo até indicar um mínimo que se não for atingido invalida a experiência) e até o preço, que costuma variar entre os 30 e os 40 euros por turista. A plataforma fica com uma comissão de 20%.

gante Airbnb já oferece no seu *site*. "A maior diferença é que aqui a experiência gastronómica é sempre em casa das pessoas", frisa a fazedora.

Neste momento, Joana e a sua equipa estão em fase de angariação de anfitriões. Já têm cerca de 40 inscrições, precisam agora de as materializar em ofertas concretas. "Estamos a fazer um acompanhamento. Fizemos uma *roadtrip* pelo país para divulgar algumas histórias - porque já tivemos várias reservas - e, dessa forma, transmitir uma maior confiança às pessoas. Às vezes só é difícil arrancar. Quando uns começam, os outros depois vão atrás."

Quando o mercado português estiver ganho, Joana Glória poderá vir a seguir dois caminhos. Ou arrancará com o projeto para Espanha ou manterá o foco na cultura portuguesa. "Ainda estou indecisa. Posso ir para Espanha, mas já há plataformas internacionais a fazer isto. Por isso, estou com vontade de espalhar Portugal pelo mundo."

Foi o contacto com emigrantes com vontade de aderir à plataforma que a fez pensar na segunda opção. Sabe que seria mais diferenciador, mas talvez não tão lucrativo. O que não a desmotiva. "Dá-me prazer marcar pela diferença. Não é por ter mais zeros na conta que vou ser mais feliz."

TURISMO

MAIS 65 NOVOS HOTÉIS EM 2019

Sónia Peres Pinto
sonia.pinto@sol.pt

Apesar do sinal de abrandamento do turismo, os investidores continuam a apostar em novas ofertas no mercado nacional. Mas o setor depara-se com a dificuldade de contratar mão de obra.

A pesar de começar a dar sinais de abrandamento, o número de turistas que continua a chegar ao nosso país basta para não afastar o interesse dos investidores, nem travar o aparecimento de novos hotéis. Os números falam por si: só este ano deverão surgir mais 65 novas unidades – só em Lisboa são esperados 22 hotéis e o Porto deverá receber 15 –, traduzindo-se num aumento de mais de 570 quartos. Estão previstas ainda 0 remodelações, com a capital a ser alvo de quatro, reforçando a oferta em mais 986 quartos.

Lisboa e Porto são as áreas que

registam o maior número de dormidas de turistas e são também aquelas que têm tido maior procura por parte dos investimentos hoteleiros.

Ainda que o foco esteja nas grandes cidades, o resto do país não fica esquecido. Estão previstos, além de sete novas unidades hoteleiras e uma remodelação no Centro, cinco novos hotéis para o Alentejo e duas remodelações. Também os Açores e a Madeira vão ser reforçados com mais uma e três unidades, respetivamente.

Aliás, estes números vão ao encontro do estudo avançado pela Deloitte que diz que 62% dos investidores estão a pensar em apostar no setor para os próximos 12

meses. Já quando questionados sobre o volume e preços de transação para os próximos três meses, 38% acredita que deverá aumentar, já 62% admite que será igual ao que estava previsto.

O que é certo é que grande parte destes novos hotéis já estava prevista para 2018. Mas por atrasos nas obras e por outros motivos, nomeadamente de licenciamento ou falta de mão-de-obra, a sua construção foi adiada para 2019, como reconhece ao SOL a presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal, Cristina Siza Vieira.

Mas sem dúvida que uma das maiores preocupações e também limitações está relacionada com a falta de mão-de-obra. «**Há muitos anos que temos vindo a alertar para a escassez de trabalhadores no setor**». Um problema que, de acordo com a responsável, não é exclusivo deste setor, mas que ganha maiores proporções face ao crescimento deste negócio face a outros.

«**Há falta de trabalhadores**

desde o *staff* até ao serviço de apoio, no fundo é transversal em todos os serviços», esclarece. O cenário «**de aumento de oferta e melhores taxas de ocupação exigem mais profissionais na hotelaria**». E lembra que «às vezes nem sequer há as pessoas necessárias para abrir um hotel que já está pronto em termos de infraestruturas».

A preocupação é partilhada por Ana Jacinto, secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) que chega a admitir que o setor precisa, pelo menos, de 40 mil trabalhadores. «No ano passado fizemos uma grande reflexão sobre o mercado de trabalho e em janeiro de 2018 fizemos um inquérito aos empresários do setor, e já nessa altura diziam que, se tivessem

40 mil trabalhadores disponíveis, teriam absorvido esse número de trabalhadores», revelou em entrevista ao i.

Entraves

A rotatividade, os horários noturnos e, até mesmo a sazonalidade em determinadas zonas do país – como é o caso do Algarve que, apesar de ter assistido a uma

'Temos falta de trabalhadores desde o staff até ao serviço de apoio', diz AHP



IMAGEM: DA GOMES



TURISMO

Abrandamento

A hotelaria nacional recebeu, em fevereiro, cerca de 1,3 milhões de hóspedes, responsáveis por 3,3 milhões de dormidas, o que representa uma quebra de 1% face a igual período do ano passado. Já os proveitos totais aumentaram 4,4%, para 172 milhões de euros, um recuo face à subida de 8,8% que tinha sido registada em janeiro. O efeito Carnaval poderá explicar, em parte, esta quebra, uma vez que, no ano passado, o Carnaval foi celebrado em fevereiro, o que não aconteceu este ano.

Preços

Em termos de preços, cada hóspede pagou, em média, 27,3 euros por quarto a nível nacional. Mas, analisando a zona de Lisboa, esse valor subiu para 45,2 euros. Destaque ainda para a Região Autónoma da Madeira, onde os preços subiram 7,4% para 36,9 euros.

Nacionalidades

O mercado interno apenas contribuiu com um milhão de dormidas, o que representa um decréscimo de 2,6% (em janeiro houve um crescimento de 6%). Mas também do lado dos turistas não residentes registou-se uma quebra e, de acordo com o INE, os mercados externos (peso de 69% em fevereiro) apresentaram um ligeiro decréscimo (menos 0,2% face à subida de 3,9% em janeiro) e corresponderam a 2,3 milhões de dormidas. O mercado britânico, apesar dos alertas que têm sido feitos pelos operadores turísticos devido ao Brexit, cresceu 7% neste período, totalizando 167 mil turistas e mantendo-se como o segundo principal mercado, atrás do espanhol.

redução, continua a sofrer desse problema – são apontadas pelas responsáveis do setor como os principais entraves de captação de profissionais para este mercado. Ainda assim, mesmo em época baixa, as empresas estão a contratar, o que significa que estamos no «bom caminho no que respeita ao combate da sazonalidade».

Segundo a secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, a batalha tem vindo a ser ganha, com mais turismo ao longo de todo o ano, o que garante receitas nos vários meses e geração de emprego que não seja apenas sazonal.

No entanto, a opinião é unânime: «É um trabalho exigente e penoso», mas compensado em termos salariais e de progressão de carreira.

«Temos de acabar com a imagem de que é um setor pouco digno, de trabalhos ditos precários, com salários pouco atrativos, de grande rotatividade e de profissões pouco dignificadas e valorizadas, porque não é assim», diz Ana Jacinto.

A responsável lembra que este setor trabalha 24 horas por dia, o que significa que um trabalhador não recebe só o salário-base. «Se o trabalhador estiver a trabalhar no período noturno tem uma compensação acrescida; o mesmo acontece se trabalhar num dia de descanso semanal ou num feriado, etc. Tudo isto é dinheiro, obviamente, na sequência de um esforço acrescido do trabalhador, porque ninguém gosta de trabalhar a um feriado ou a um fim de semana», salienta.

Uma das soluções encontradas passa por contratar mão de obra estrangeira, como garantem as duas responsáveis. «Temos vindo a falar com o Governo nesse sentido no que diz respeito a agilizar os processos», refere ao SOL Cristina Siza Vieira.

Mais de 400 mil no setor

A verdade é que, apesar destes entraves – abrandamento do crescimento do turismo (ver coluna ao lado) e da dificuldade de contratação de mão de obra – o setor tem vindo a contribuir para a criação de novos postos de trabalho. Entre 2015 a 2017, no canal Horeca, ou seja restauração e hotelaria, foram criados 64.600 postos de trabalho. Mas a este número há que acrescentar ainda os novos referentes a 2018 e ao início do ano.

Mas os números não ficam por

ai. O setor do turismo, no final de 2017, registava mais de 146.600 empresas, que empregavam mais de 440 mil trabalhadores, de acordo com os últimos dados do INE. No entanto, tendo em conta apenas o canal Horeca, existiam, no final de 2017, 104.800 empresas e, no final do ano seguinte, empregava 328.500 trabalhadores.

Em 2019 a meta dos 400 mil trabalhadores já foi ultrapassada, de acordo com as contas da secretária de Estado do Turismo. «Ainda não temos números finais do mês de abril de 2019, mas já em meados de abril ultrapassámos pela primeira vez 400 mil trabalhadores a trabalhar no turismo. Nunca tivemos esse valor, em nenhum mês do ano, e é ainda mais importante isto acontecer no mês de abril», refere Ana Mendes Godinho.

O algarve e os turistas, prós e contras do turismo de massa

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/05/2019

Melo: DiáriOnline Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e42e8dc6>

É sabido de todos. Portugal está na moda. Ano após ano, o país tem batido records em número de turistas estrangeiros e em lucros no sector turístico. Em 2018, Portugal recebeu 12,76 milhões de turistas estrangeiros. Permanecendo em média 3,2 noites no nosso país, gerando receitas no sector hoteleiro na ordem dos 3,6 mil milhões de euros em 2018.

O perfil de turismo no Algarve tem sofrido algumas alterações nos últimos anos. Por exemplo, em 2018, verificou-se uma queda na adesão de turistas estrangeiros, e um aumento de turistas nacionais. Isto poderá em parte refletir a actual situação de incerteza em volta da saída do Reino Unido da União Europeia. Poderá também refletir a mudança de mentalidade dos turistas para com Portugal, em que o veem como um país de turismo cultural e menos como um país balnear, ou o ressurgir do turismo na Tunísia, Egito e Turquia. Não obstante, nos últimos 10 anos, a região (e o país) tem gozado de um boom turístico, que muito tem contribuído para a economia local e nacional.

Contudo, nem tudo são rosas, pois Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA) tem se queixado que existe uma falta de mão de obra no sector no Algarve. Entre um dos problemas está o desequilíbrio entre a localização das populações locais, onde residem os trabalhadores da área, e os locais de trabalho, e em particular, na dificuldade de mobilidade entre as duas localizações.

Em 2018, a região do Algarve recebeu 3 milhões de turistas não residentes, constituindo 3 quartos do total de turistas recebidos. Isto significa que a maioria dos turistas que visitam a região Algarvia são não nacionais. Este é um cenário semelhante ao que se vê no restante país. Isto causa, sobretudo na época alta, uma alteração de identidade cultural e populacional. Este fenómeno tem sido mais discutido com mais intensidade nos centros de Lisboa e Porto, mais afetados com o fenómeno, mas o mesmo poderá ser discutido para as várias urbes do Algarve.

Os excessos dos turistas são também um problema e uma dor de cabeça para as autoridades locais. Além dos excessos cometidos na noite algarvia, onde o álcool desinibe carácter e potencia desacatos, com consequências graves, durante o dia também há problemas com o manter da ordem. Por exemplo, ainda em 2017 foi notícia nos vários meios de comunicação os desacatos causados em Albufeira e no Aeroporto de Faro por cerca de 1000 turistas, tudo por uma hora de fecho de um bar local. A supervisão de segurança nas praias de dia, é uma outra dor de cabeça. O abuso do banho em condições não aquedadas do mar, ou a persistência na proximidade das ravinas potencialmente instáveis, ambas com consequências potencialmente mortais, são apenas algumas das preocupações que tem de ser tidas em conta.

No geral, o debate pelo turismo, e as suas consequências no país, e em particular na região do Algarve, tem de ser bem ponderado. Se de um lado, temos as vantagens económico-financeiras, do outro lado, temos alguns problemas que surgem do turismo em massa que tem de ser balanceados, para que o país e a região possam prosperar.

..diáriOnline RS



Aliados (na foto) e Chiado são os locais com preços mais elevados

Alojamento com diárias de luxo

Há zonas no Porto e Lisboa onde uma dormida pode ultrapassar os três dígitos. Escalada de preços imparável.

IMOBILIÁRIO A Avenida dos Aliados, no Porto, e o Chiado, em Lisboa, são as áreas do país onde um quarto destinado a alojamento local é mais rentável, com os preços a atingirem os 150 euros por dia. A conclusão faz parte de um estudo da empresa GuestReady, que analisou a oferta disponível na plataforma Airbnb, num total de 26 zonas das duas cidades e cerca de 200 pontos de oferta. As ruas do Alecrim e Garrett, em Lisboa, são as que apresentam valores médios mais elevados (130 euros).

Pelo contrário, os locais onde é

possível encontrar alojamento mais barato são os situados nas proximidades de estações de comboios, conclui o mesmo documento. “Um apartamento com um quarto junto à estação de Campanhã pode render em média 55 euros por dia, enquanto um alojamento semelhante perto da Estação do Oriente chega a custar 75 euros”, sublinhou a GuestReady.

Também entre as zonas mais acessíveis consta, no Porto, a Rua de Cedofeita, com preços entre os 70 e os 85 euros. Em Lisboa, destacam-se a Avenida Fontes Pereira de Melo, o Largo Camões e os Restauradores, com diárias de 100 euros para apartamentos de dois quartos.

Com base no estudo, a empresa criou uma versão inspirada no jogo Monopólio, que visa “dar a conhecer quanto podem ganhar os proprietários de unidades de alojamento local nas principais áreas de Lisboa e do Porto.” ●

Loulé investe 16 milhões para promover investigação científica, atrair médicos e melhorar saúde no Algarve

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/05/2019

Melo: Barlavento Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3decabc43>

Loulé investe 16 milhões para promover investigação científica, atrair médicos e melhorar saúde no Algarve - Barlavento | Este momento contou com a presença de dois representantes governamentais: Manuel Heitor, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e Raquel | Notícias do Algarve

Início Algarve Loulé investe 16 milhões para promover investigação científica, atrair médicos e melhorar...

AlgarveDestaqueLoulé Loulé investe 16 milhões para promover investigação científica, atrair médicos e melhorar saúde no Algarve

Por barlavento - 5 de Maio de 2019 - 19:54

Facebook

Twitter

Este momento contou com a presença de dois representantes governamentais: Manuel Heitor, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e Raquel Duarte, Secretária de Estado da Saúde.

Depois da celebração de um protocolo em 2018 entre a Autarquia de Loulé e o Centro Académico de Investigação e Formação Biomédica do Algarve - ABC (Algarve Biomedical Center), consórcio que reúne o Centro Hospitalar Universitário do Algarve e a Universidade do Algarve, irá avançar já este ano a criação do ABC Loulé Active Life Health & Research, um projeto inovador, com um investimento na ordem dos 16 milhões de euros que será complementado com financiamento dos fundos europeus.

Como explicou Vítor Aleixo, presidente da Câmara Municipal de Loulé, este é um projeto realizado em prol da ciência e com o intuito de resolver várias lacunas existentes há décadas nesta região, relacionadas com a investigação, proporcionar os melhores cuidados de saúde daqueles que aqui residem, e dos milhares de turistas que nos visitam todos os anos e esperam encontrar no Algarve a garantia de segurança e qualidade a todos os níveis durante a sua férias .

Manuel Heitor, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior em Loulé.

Marcado pela inovação, este projeto contempla a conceção e construção de dois edifícios: o ABC Loulé Health Research Center, em Loulé, e o ABC Loulé Active Life, em Vilamoura, ambos enquadrados em Instalações, modernas, com ausência de impacto ambiental.

O ABC Loulé Active Life Health & Research encerra diversas componentes e objetivos, demonstrando desde logo uma aposta na investigação e formação, utilizando tecnologia de ponta, numa estratégia de competitividade regional e nacional, como explicou Nuno Marques, presidente da comissão executiva do ABC.

Por outro lado, visa também a descentralização de serviços de instituições de carácter nacional da área da saúde para o Algarve (INSA - Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, INFARMED - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, IPST - Instituto Português do Sangue e Transplantação e SPMS - Serviços Partilhados do Ministério da Saúde), dos quais podemos destacar a criação de um Centro de Investigação de Entomologia Médica do Algarve (em colaboração com o INSA) que visa a investigação de doenças tão importantes como a malária, dengue ou zica que são transmitidas por mosquitos, o Banco Público Nacional de Células do Cordão Umbilical e a Seroteca Nacional em articulação com o IPST.

É de crer que a realização deste projeto de tremenda importância regional e nacional contribua de forma decisiva para uma maior atratividade de jovens médicos e investigadores que serão absolutamente determinantes para a futura construção no Parque das Cidades, do Hospital Central de Faro-Loulé do Centro Hospitalar Universitário do Algarve , sublinhou o autarca louletano, Vítor Aleixo, para quem este projeto constitui a maior oportunidade para o município se ligar organicamente à Universidade.

Salienta-se também a existência do Centro Active Life que colocará cuidados de excelência de reabilitação ósteo-articular, muscular, cardíaca e respiratória ao dispor da população do município e do Algarve, para além de ser um projeto vocacionado para o turismo de saúde de alta qualidade que impulsionará a economia e combaterá a sazonalidade.

São ainda objetivos a promoção da captação e fixação de recursos humanos na área da saúde no Algarve, a melhoria dos cuidados de saúde prestados.

Nuno Marques, presidente da comissão executiva do Centro Académico de Investigação e Formação Biomédica do Algarve.

Este projeto levará à criação de mais de 150 postos de trabalho diretos e altamente diferenciados em Loulé, com grande benefício direto e indireto da população.

É de crer que a realização deste projeto de tremenda importância regional e nacional contribua de forma decisiva para uma maior atratividade de jovens médicos e investigadores que serão absolutamente determinantes para a futura construção no Parque das Cidades, do Hospital Central de Faro-Loulé do Centro Hospitalar Universitário do Algarve , sublinhou o autarca louletano, Vítor Aleixo, para quem este projeto constitui a maior oportunidade para o município se ligar organicamente à Universidade.

Para a Secretária de Estado da Saúde, Raquel Duarte, este projeto é estruturante e terá um grande impacto no desenvolvimento regional e nacional na área da inovação, investigação, formação e na melhoria dos cuidados de saúde .

Por seu turno, Manuel Heitor, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, falou da reprogramação de fundos comunitários orientados para a competitividade e coesão territorial.

Vítor Aleixo, presidente da Câmara Municipal de Loulé.

O nosso processo de convergência da média europeia só pode ser feito com mais conhecimento , frisou o governante.

A ambição do Centro Académico Clínico abrir novas valências em Loulé mostra bem a relevância e a presença daquilo que pode ser uma articulação adequada entre as atividades de educação, de investigação e de inovação, certamente num contexto autárquico que favoreça e facilite o estabelecimento destas ligações , afirmou ainda Manuel Heitor relativamente a este projeto que será uma referência na área da investigação nos próximos anos.



5,1

milhões de viagens de residentes em Portugal no quarto trimestre do ano passado, revelou o Instituto Nacional de Estatística (INE). Houve uma subida de 6,3% face ao período homólogo de 2017. No conjunto do ano, as viagens turísticas cresceram 4,2%. As visitas a família ou amigos foi a principal motivação para viajar (cerca de metade do total), seguidas do lazer e férias (14,9%).

TURISMO



Dionísio Pestana Presidente do grupo Pestana

“Chegámos a um ponto de viragem no turismo”

Textos **CONCEIÇÃO ANTUNES**
Foto **TIAGO MIRANDA**

O maior hoteleiro português está a acelerar a expansão do seu grupo dentro e fora de Portugal, mas garante que não entra “em loucuras” e os investimentos têm de ser feitos na perspetiva de retorno. Considera que após “quatro anos incríveis de crescimento”, o ciclo começa agora a desacelerar, e não vê grande ameaça no ‘Brexit’.

■ Fala-se de abrandamento no turismo, mas as receitas têm subido desde o início do ano. O que prevê para 2019?

■ Penso que chegámos a um ponto de viragem. Li recentemente um artigo que dizia “welcome to the downturn” (desaceleração), e isto está mesmo a virar. Começam-se a sentir problemas das economias na Europa, a alemã, e a inglesa com as incertezas

do ‘Brexit’, há esta guerra da China e dos EUA, tudo isto infla o mercado. À medida que o produto interno bruto dos países começa a reduzir, direta ou indiretamente atinge o turismo. As pessoas todos os anos fazem férias, e quando as coisas correm bem gastam mais dinheiro, senão fazem ajustamentos, em vez de um hotel de cinco estrelas ficam num de quatro. Mas o mercado continua forte, já não com os crescimentos de dois dígitos a que nos acostumamos nos últimos quatro anos, que foram incríveis. No nosso grupo aproveitámos bem este ciclo alto, e se o crescimento este ano for de zero a 2%, já fico satisfeito.

■ Diz sempre que não teme crises, porque já viu muitas.

■ Ciclos económicos há sempre — senão era tudo fácil. Dizem os livros que mudam de sete a nove anos, e está a começar um *downturn*, mas entre descer até chegar

a uma recessão, é mais difícil de prever. Isto não é uma crise, é uma estagnação, já não com crescimentos tão acentuados.

■ O aeroporto de Lisboa também traz aqui limitações?

■ O novo aeroporto era para ontem, já vem tarde, devia nesta altura estar a trabalhar em pleno para acompanhar o aumento de procura que está a haver. Fala-se de cinco anos para ter um aeroporto e isso vai ser muito penalizante para o turismo — não só em Lisboa, mas em todos os destinos nacionais que dependem desta distribuição de voos. A oferta está a crescer, sobretudo em Lisboa, e preocupa-me nos próximos anos quando estes hotéis chegarem ao mercado, porque existe procura, e Portugal está na moda, mas depois não há transporte. Para mim, é duro ver perder um momento em que devíamos aproveitar em pleno este *boom* de procura.

■ E no caso do Algarve?

■ Temos problemas de transporte também nos destinos de *resort*, como o Algarve e a Madeira, que dependem mais de *low cost* e operadores turísticos. Porque o preço do petróleo subiu, muitas *low cost* não conseguiram aguentar pelas margens que trabalham, daí a falência da Monarch, Air Berlin e Nikki, e só a Monarch representava 15% do tráfego para o Algarve e Madeira. De repente, desapareceram, e não é de um dia para o outro que isto se substitui, não há companhias novas a querer entrar no mercado. A notícia do ano novo foi a falência da Germania, que para a Madeira significou sete voos semanais cancelados, menos 1500 passageiros a vir da Alemanha. Isto preocupa-me.

■ E o ‘Brexit’, preocupa-o?

■ O mercado inglês já era importante para Portugal, antes de entrar na Comunidade Europeia. O sonho do inglês é vir ao Algarve, ter uma casa junto ao golfe, e esse mercado vai sempre existir quando se resolver o ‘Brexit’, pode é não ter a mesma força. Depende da saída, se houver o acordo da May, continua tudo igual, e penso que com o tempo os *brexiters* vão perder, nunca pensaram no problema da Irlanda do Norte, e isto é suficiente para o Reino Unido repensar o seu futuro.

■ O mercado inglês ainda está a crescer no Algarve e na Madeira?

■ Ainda está. No início do ano estava tudo nervoso, mas como a 29 de março nada aconteceu, de repente esse mercado voltou a animar, e o adiamento para outubro jogou a nosso favor. O que cor-

reu mal foi a falência da Monarch, o operador inglês, mas não foi por causa do ‘Brexit’.

■ O seu grupo está em 16 geografias. Move-o mais investir em Portugal, ou fora?

■ Com o coração, continuo a investir em Portugal, o bom senso obriga-me a investir fora, para dar força à marca. Queremos ser líderes do mercado português, mas também crescer e ter mais presença internacional, na Europa e Estados Unidos. Este ano vamos abrir sete hotéis, dos quais quatro em Portugal. A minha maior surpresa tem sido o Porto, era um destino parado que agora está a explodir. Quando fizemos o nosso primeiro hotel na Ribeira, a Câmara quase pediu: por favor, alguém venha a este concurso, e só concorremos nós e o Belmiro (de Azevedo). Eu hoje vejo “ouro no Douro”, vamos ter lá seis hotéis, se me perguntassem há uns anos dizia que queria ter dois ou três no máximo. O potencial do Porto veio acima nos últimos anos, deixa os turistas encantados, e nem se percebe porque é que foi só agora.

■ O Cristiano Ronaldo está satisfeito com os hotéis que tem com o grupo Pestana?

■ Está muito satisfeito, e nós também estamos. Ele até queria mais hotéis, mas isto tem de ter um *timing*. Vamos ter quatro novos hotéis CR7 em Marraquexe, Times Square (Nova Iorque), Madrid e Paris, que se somam aos dois que temos em Lisboa e no Funchal. O Cristiano quer sempre mais, e nós estamos atentos a oportunidades. Gostávamos de ir para outras cidades europeias, Bruxelas ou Roma, mas não entramos em loucuras. Essas grandes cida-



Dionísio Pestana no seu gabinete: "Temos de cortar com o que é antigo, trazer ideias novas à hotelaria", defende

des são sempre bons negócios, mas é muito difícil entrar.

P Prevê-se que este ano continue a haver um retorno alto para os hotéis, em termos de receitas?

A Para quem investiu há dois, três anos, consegue um bom retorno, porque o fez numa boa altura. Mas quem está a construir hoje precisa de fazer contas, ver a que preços o faz. A hotelaria é um negócio que vale a pena, mas é para investir a longo prazo. Quem investe quando o ciclo está baixo, acreditando que virão anos bons, vai ter sempre uma alegria. Entrar hoje a pensar que se vai ganhar amanhã, isso não existe.

P Para onde estão hoje a evoluir os hotéis?

A A transformação que existe no mundo atual está a entrar rapidamente nos hotéis, a disrupção passou a ser a norma. Temos de cortar com o que é antigo, trazer ideias novas à hotelaria, repensar de alto a baixo o que sempre de fez — e 80% dos hotéis que estão no mercado têm de mudar, estar muito atentos ao que se passa. Os hotéis precisam de *storytelling*, a história do local, o azulejo, isso vai ser sempre importante e trazer valor, é o que as pessoas procuram. E as tecnologias tornaram-se fundamentais, o *business intelligence* e o *revenue management*, para gerir preços e ocupação de forma muito científica. Temos hoje no grupo pessoas que nunca trabalharam na hotelaria, como matemáticos ou físicos, e fomos à Google buscar o Luís Monteiro, que já ia a caminho de Silicon Valley. É preciso trazer este mundo novo aos hotéis, estamos num momento de viragem total.

cantunes@expresso.imprensa.pt

A VISÃO DO HOTELEIRO

PORTELA E MONTIJO

"O novo aeroporto era para ontem, já devia estar a trabalhar em pleno. Para mim é duro ver perder o atual 'boom' de procura"

INVESTIMENTOS

"Com o coração continuo a investir em Portugal, o bom senso obriga-me a investir fora, para dar força à marca"

'BREXIT'

"O adiamento para outubro jogou a nosso favor e o mercado inglês voltou a animar na Madeira e Algarve"

HOTELARIA A EVOLUIR

"Temos hoje a trabalhar no grupo matemáticos ou físicos. É preciso trazer aos hotéis este mundo novo"

We create chemistry

A

THE ADECCO GROUP

OPINIÃO

O risco de pedir a curto prazo

RICARDO REIS E5

Reformas: Alertar não é assustar

JOÃO DUQUE E10



Não se consegue taxar os ricos? Avance-se com um imposto sobre o consumo POR LUÍS CABRAL E39

PESSOAS

➔ Ricardo Peres é o novo vice-presidente da Lagunitas para a área de Recursos Humanos E34



➔ Dicas 4 regras para dizer que está doente sem enfiar o chefe E34

Referências Multibanco para a sua Empresa

www.ifthenpay.com

ECONOMIA

IMOBILIÁRIO & EMPREGO

Expresso

2427
4 de maio de 2019
www.expresso.pt

EDP arranca com operação de venda de barragens

Elétrica contratou o UBS e o Morgan Stanley para nos próximos meses sondarem potenciais compradores para os ativos do grupo

O objetivo é conseguir um encaxe de €2 mil milhões, e qualquer barragem é elegível para ser vendida, bem como as centrais termelétricas a operar em Portugal e Espanha. Fechada a OPA, a EDP não perdeu tempo e avançou para uma das operações centrais do plano que traçou para baixar o seu endividamento. E11

ENTREVISTAS



Dionísio Pestana
Presidente do grupo Pestana

“Chegámos a um ponto de viragem no turismo”

Após “quatro anos incríveis de crescimento”, o hoteleiro afirma que o ciclo está a desacelerar E12



Pierre Gattaz
Presidente da BusinessEurope

“Muitos políticos ainda odeiam os empresários”

Patrão dos patrões europeus esteve em Lisboa e criticou falta de liderança na Europa E36

Ex-gestores da CGD fazem queixa da auditora EY à CMVM

➔ Administradores da Caixa no período 2008-2010 apontam “erros, contradições e inconsistências” ao relatório da EY
➔ Objetivo é que supervisor avalie procedimentos usados E6



CLÁUDIA AZEVEDO A SENHORA QUE SE SEGUE NA SONAE E18

FOTO RUI DUARTE SILVA

Os novos alvos do investimento chinês em Portugal E20

POLÍTICA MONETÁRIA
Em ano de eleições, os olhos estão postos no sucessor de Draghi. Portugal foi quem mais ganhou com a descida dos juros. E8

Mercado da Ribeira chega à América E22



Manuela Ferreira Leite

IMPOSTOS! PARA QUE VOS QUEREMOS?

D e cada vez que surgem notícias sobre a melhoria do défice orçamental e, muito especialmente, sobre o êxito da receita cobrada, como aconteceu esta semana, atingindo níveis de crescimento aparentemente inesperados, as reações são naturalmente diversas.

O sentimento daqueles a quem a mensagem se dirige não será de espanto, uma vez que aquela evolução deixou de ser notícia a partir do facto de a política orçamental não dar sinais de considerar a sua responsabilidade na degradação dos serviços a que se destinam as milagrosas receitas.

Seria até desejável que a notícia da melhoria do défice orçamental provocasse algum constrangimento aos autores da façanha

Mas não espantaria e seria até desejável que a notícia provocasse algum constrangimento aos autores da façanha e os grandes títulos tivessem um efeito mais embaraçoso do que laudatório.

Na verdade, já nem se invocam os efeitos de ausência de investimentos e as suas repercussões negativas no crescimento económico e na satisfação de necessidades essenciais como a saúde, a educação ou os transportes. Basta pensar no dia a dia do cidadão comum.

A título de exemplo, quem precise de se inscrever na Segurança Social ou obter o Cartão de Cidadão sentirá o calvário por que passará, por falta de funcionários como invocam os serviços.

As filas constituídas a partir das 5 da manhã esbarram invariavelmente na máquina fotocopadora avariada ou na falta de um qualquer elemento que implique a perda de um dia de trabalho.

Perante isto, o alardear do crescimento da receita é uma afronta a quem paga impostos.



Crédito online de um clique para o outro

Crédito exclusivo para empresas (exclui ENI's)
Sujeito à aprovação do banco
www.santander.pt

Informe-se em
 Santander
Advance Empresas



Espanha Negócios com Portugal imunes à instabilidade governativa

Com as exportações portuguesas em alta em 2018 e no arranque de 2019, as associações empresariais falam em boas perspectivas

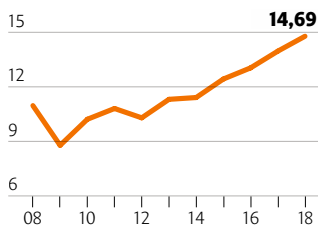
“Não está em cima da mesa como preocupação”, “nenhum problema”, “a política cada vez conta menos num mercado como Espanha”, “não tem afetado a economia, que tem registado crescimentos sólidos, nem o consumo, que é decisivo para o que exportamos”. Estas são algumas das expressões que o Expresso ouviu a responsáveis de associações empresariais, quando questionados sobre o impacto da instabilidade governativa no país vizinho — que as eleições do último fim de semana podem não resolver — nas relações económicas com Portugal. Imunidade parece ser a palavra-chave.

Os números são de crescimento. Em 2018, as exportações portuguesas de bens para Espanha aumentaram 6%, para €14,69 mil milhões. No espaço de uma década, a subida atingiu 36%, mas o país vizinho até perdeu peso no total, passando de 27,9% em 2008, para 25,3% em 2018. Continua a ser, contudo, de muito longe, o principal mercado para as empresas portuguesas. E, mesmo com a economia espanhola a abrandar (ver texto em baixo), as exportações portuguesas para o país continuaram a crescer no arranque do ano: 3,6% em termos acumulados em janeiro e fevereiro.

Valendo quase 13% das vendas portuguesas de bens para Espanha (ver tabela), o material de transporte (basicamente, indústria automóvel) é incontornável nesta equação. Depois de um crescimento de quase 18% em 2018, as exportações do sector para o país vizinho aceleraram ainda mais no início deste ano. “Estamos num bom momento da produção automóvel em

VENDAS PARA ESPANHA AUMENTAM 36%...

Em mil milhões de euros

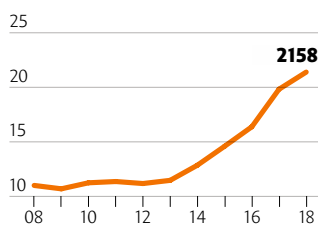


Nota: Exportações portuguesas de bens

FONTE: INE

... E RECEITAS TURÍSTICAS DUPLICAM

Em milhões de euros



FONTE: BANCO DE PORTUGAL (RUBRICA "VIAGENS E TURISMO" DA BALANÇA DE PAGAMENTOS)

INDÚSTRIA AUTOMÓVEL LIDERA VENDAS EM 2018

Em % do total das exportações portuguesas de bens para Espanha

TIPO DE BENS	VALOR
1 Material de transporte	12,8
2 Matérias têxteis e suas obras	11,5
3 Metais comuns e suas obras	11,3
4 Plástico e suas obras; borracha e suas obras	8,8
5 Produtos minerais	8,5
6 Máquinas e aparelhos	7,5

FONTE: INE E CÁLCULOS EXPRESSO

Portugal, com crescimento acima dos 30% no primeiro trimestre”, afirma Hélder Barata Pedro, secretário-geral da Associação Automóvel de Portugal (ACAP). Com as exportações a valerem 97% da produção, “o mercado espanhol é muito importante, representando 11% das exportações”, adianta, considerando que “nada leva a crer que as exportações portuguesas não continuem a crescer”.

Política conta menos

Rafael Campos Pereira, vice-presidente da Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal (AIMMAP), aponta no mesmo sentido: “Espanha tem sido o principal mercado externo da metalomecânica, representando 22% das exportações”. Assegurando que “não temos sentido rigorosamente problema nenhum em consequência da instabilidade governativa em Espanha”, o responsável argumenta que

num mercado como o país vizinho, “tendo em conta a proximidade geográfica e cultural e a facilidade de fazer negócios, a política cada vez conta menos”.

“Há uma grande integração dos dois mercados. Tudo o que se passa em Espanha é muito importante para nós”, aponta, por sua vez, Paulo Vaz, diretor-geral da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP). Em especial para a fileira têxtil, já que o país representa perto de um terço das vendas ao exterior. A história recente ficou marcada por alguma contração (recuo de 3,9% em 2018), mas não por causa da instabilidade política em Espanha. Até porque, “do que podemos ver, não afetou a economia, que tem registado crescimentos sólidos e muito acima da média europeia”, diz Paulo Vaz, considerando que “há cada vez menos uma relação direta entre estabilidade governativa e desempenho da economia, sobretudo em países com instituições muito sólidas,

como Espanha”. O problema para o têxtil chamou-se Inditex. Um grande cliente, que “desviou encomendas para países como a Turquia ou Marrocos, por causa do fator preço”. Contudo, janeiro e fevereiro já assistiram a alguma recuperação, com as exportações a subirem 1%.

Perspetivas “muito boas”

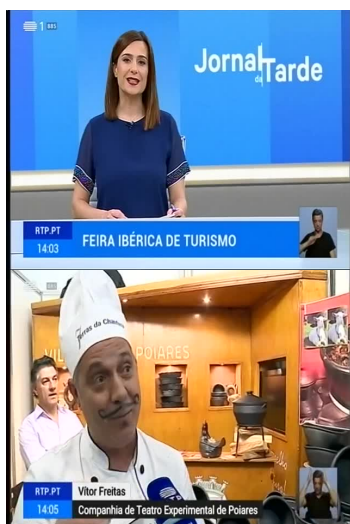
A história de crescimento das exportações portuguesas para Espanha estende-se ao turismo. O país vale 13% das receitas turísticas nacionais (medidas pela Balança de Pagamentos), atingindo em 2018 os €2,16 mil milhões, mais 8,1% do que em 2017. As dormidas também aumentaram (mais 3,6%, para 4,8 milhões), mas de forma mais modesta, sinalizando uma subida de valor do sector em Portugal. Pelo menos no que aos turistas espanhóis diz respeito.

Os números do arranque de 2019 confirmam as expectativas positivas do sector para este ano. Em janeiro e fevereiro, o número de dormidas manteve-se estável e as receitas turísticas geradas pelo país vizinho subiram 3,5%. Isto apesar de o Carnaval ter acontecido este ano apenas em março, enquanto em 2018 foi em fevereiro.

As perspectivas para 2019 “são muito boas”, diz Cristina Siza Vieira, presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), lembrando que num inquérito aos hoteleiros, no final de 2018, 57% apontaram para uma evolução positiva do mercado espanhol em 2019. O aumento do salário mínimo em Espanha, em 22%, para os €900 mensais, vai ajudar a dinamizar ainda mais o mercado, que é decisivo para Portugal: além da sua dimensão, “distribui-se bem ao longo do ano e pelo território nacional”, remata Cristina Siza Vieira.

SÓNIA M. LOURENÇO

slourenco@expresso.imprensa.pt



Feira Ibérica de Turismo na Guarda

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f2de75cc-70b6-4402-8c81-45b5943a992c&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

Até amanhã a cidade da Guarda recebe a Feira Ibérica de Turismo. Mais de 500 entidades de Portugal e Espanha estão presentes este ano naquela que já se tornou na segunda maior feira do género no país.

Declarações de Rodolfo Queirós, Comissão Vitivinícola Regional da Beira Interior, Andreia Polido de Almeida, CM de Foz Côa, Vítor Freitas, Companhia de Teatro Experimental de Poiares, Ana Margarida Fernandes, operadora de turismo rural, Siza Vieira, Ministro da Economia.



Feira Ibérica de Turismo na Guarda

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f56725a5-7f59-4c02-b9bc-67746774569b&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

A 5ª edição da Feira Ibérica de Turismo já está de portas abertas com mais de 300 expositores dos 2 lados da fronteira. O ministro da Economia evidencia a importância da iniciativa para o crescimento turístico no interior do país, mas apesar do protesto agendado para o dia 15, desvaloriza o peso das portagens. Comentários de José António, oleiro da Galiza; Paulo de Carvalho, empresário; Fátima Santos, artesã; Emanuel Castro, Associação Geopark Estrela; Carlos Monteiro, presidente da C. M. da Guarda; Pedro Siza Vieira, ministro Adjunto e da Economia.

Repetições: SIC Notícias - Jornal das 7 , 2019-05-04 19:40

Resposta do turismo às alterações climáticas é tema de conferência em Faro

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/05/2019

Melo: DiáriOnline Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2ea9f22c>

A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, em Faro, vai acolher, no dia 10 de maio, uma conferência dedicada ao tema Turismo - como responder aos efeitos das alterações climáticas e dos eventos de elevado impacto .

Trata-se de uma iniciativa organizada pela Associação Safe Communities Portugal, pela Região de Turismo do Algarve e pelo CDOS - Centro Distrital de Operações de Socorro, cuja sessão de encerramento contará com a presença da secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho.

"Numa altura em que a maioria dos países do mundo enfrenta importantes desafios provocados por fenómenos climáticos extremos, é de elementar importância debater formas de antecipar estas condições e mitigar os seus efeitos em Portugal, junto das população e daqueles que nos visitam", refere a organização, em comunicado.

Face a um número cada vez maior de visitantes estrangeiros no Algarve, que no verão ultrapassa bastante o número de residentes, "é essencial que todos os agentes do setor do turismo tenham conhecimento do que está a ser feito e do papel que podem desempenhar na garantia da segurança dos seus clientes", acrescenta-se sobre o evento, a realizar entre as 9:30 e as 17:30 horas.

Os objetivos desta conferência, a primeira do género em Portugal, passam por, entre outros, criar uma maior sensibilização no setor do turismo para o risco de eventos de alto impacto e as medidas de prevenção e proteção atualmente em vigor; conhecer, em caso de catástrofe, os canais de comunicação existentes para divulgar informações aos turistas; adquirir uma melhor compreensão do trabalho dos serviços de emergência; ajudar o setor do turismo a desempenhar um papel adequado na proteção dos seus clientes; promover as medidas que Portugal/o Algarve já tomou para proteger a segurança dos turistas enquanto meio de atrair visitantes para um dos destinos mais seguros da Europa; e identificar quaisquer áreas onde seja necessário fazer mais.

Todos os agentes do setor do turismo, bem como ONG interessadas e responsáveis governamentais, além do público em geral, são o público-alvo de uma conferência que será realizada em português, com apoio oferecido em inglês.

Depois da sessão de abertura e da preleção sobre a Visão geral do papel e dos planos durante as catástrofes , por Vaz Pinto, comandante distrital de Operações de Socorro de Faro, realiza-se o primeiro painel.

Serão abordadas as seguintes matérias: Riscos de saúde durante e no rescaldo de incêndios rurais e outras catástrofes -Resposta em situações de emergência (Paulo Morgado, presidente da Administração Regional de Saúde do Algarve), Resposta em situações de emergência (Alberto Mota Borges, diretor do Aeroporto Internacional de Faro), Compreender o clima e a sua influência nas atividades ao ar livre - alterações climáticas (Miguel Miranda, presidente do Instituto Português do Mar e da Atmosfera) e Comunicação com os clientes relativa a condições meteorológicas adversas e em situações de emergência (Elidérico Viegas, presidente da AHETA - Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), seguindo-se um debate com os oradores e

representantes da PSP e GNR.

À tarde, o segundo painel integra as seguintes preleções: A segurança do turista de uma perspetiva internacional (Donna Boucher, senior destinations executive da Association of Travel Agents and Tour Operators (ABTA), de Londres), Portugal Chama - Social mobilization & Call to action (Sara Otero, perita-coordenadora da Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais), A Embaixada Britânica - o seu papel em eventos de elevado impacto (Simona Demuro, cônsul britânica e diretora de Operações Consulares em Portugal e Cabo Verde) e Comunicação, Comunicação, Comunicação (David Thomas, presidente da Safe Communities Portugal), finalizando com um debate com os oradores.

As conclusões serão apresentadas pelo presidente da RTA, João Fernandes, seguindo-se a sessão de encerramento, com a secretária de Estado.

Turismo e Alterações Climáticas dão mote a conferência em Faro

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/05/2019

Melo: Barlavento Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=589d409d>

Turismo e Alterações Climáticas dão mote a conferência em Faro - Barlavento | A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, em Faro, recebe a Conferência Turismo - Responder aos efeitos das alterações climáticas e dos eventos de | Notícias do Algarve

Início Algarve Turismo e Alterações Climáticas dão mote a conferência em Faro

AlgarveFaro

Turismo e Alterações Climáticas dão mote a conferência em Faro

Por barlavento - 3 de Maio de 2019 - 23:54

Facebook

Twitter

A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, em Faro, recebe a Conferência Turismo - Responder aos efeitos das alterações climáticas e dos eventos de elevado impacto no dia 10 de maio, sexta-feira, a partir das 9h30 e até às 17h30.

A maioria dos países do mundo enfrenta vários desafios a este respeito, provocados pelas alterações climáticas e por outros fatores. Entre estes, contam-se o aumento das temperaturas, que resulta em incêndios rurais e cheias provocadas por chuvas fortes, bem como outras condições meteorológicas extremas. Além disso, muitos países estão em risco de sofrer terremotos e tsunamis. Por conseguinte, é importante que existam medidas em vigor para antecipar estas condições e mitigar os seus efeitos através da avaliação e diminuição dos riscos, a fim de proteger tanto os residentes como os visitantes em caso de tais catástrofes, refere a organização, a cargo da Safe Communities Portugal.

A organização considera que face a um número cada vez maior de visitantes estrangeiros no Algarve, que no verão ultrapassa bastante o número de residentes, é essencial que todos os agentes do setor do turismo tenham conhecimento do que está a ser feito e do papel que podem desempenhar na garantia da segurança dos seus clientes. Assim, e de modo a cobrir uma grande variedade de temáticas, o painel contará com várias personalidades.

Em destaque, a presença de Alberto Mota Borges, diretor do Aeroporto Internacional de Faro, que vai discursar sobre a Resposta em situações de emergência. Mais tarde, Elidérico Viegas, presidente da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), sensibiliza para a Comunicação com os clientes relativa a condições meteorológicas adversas e em situações de emergência. Ao longo do dia, também existirá um debate entre o painel de oradores e responsáveis da PSP e da GNR de Faro.

As conclusões da Conferência ficam a cargo de João Fernandes, presidente da Região de Turismo do Algarve, e o encerramento dos trabalhos contará com o cunho de Ana Mendes Godinho, Secretária de

Estado do Turismo que estará presente.

O evento destina-se a todos os agentes do setor do turismo, bem como Organizações Não Governamentais (ONG) interessadas e responsáveis governamentais, além do público.

Objetivos

Os objetivos desta conferência, a primeira do género em Portugal, são os seguintes:

- Criar uma maior sensibilização no setor do turismo para o risco de eventos de alto impacto e as medidas de prevenção e proteção atualmente em vigor;
- Em caso de catástrofe, conhecer os canais de comunicação existentes para divulgar informações que possam ser comunicadas aos turistas;
- Adquirir uma melhor compreensão do trabalho dos serviços de emergência;
- Ajudar o setor do turismo (empreendimentos turísticos, alojamento local, agências de viagens e turismo e agentes de animação turística, entre outros) a desempenhar um papel adequado na proteção dos seus clientes;
- Partilhar melhores práticas no setor, em termos de medidas de prevenção e proteção já em vigor;
- Promover as medidas que Portugal/o Algarve já tomou para proteger a segurança dos turistas enquanto meio de atrair visitantes para um dos destinos mais seguros da Europa;
- Identificar quaisquer áreas onde seja necessário fazer mais.

Programa

9h30 - 10h00

Receção dos participantes e sessão de abertura

Rogério Bacalhau, Presidente da Câmara Municipal de Faro (CMF)

Jorge Botelho, Presidente da Comunidade Intermunicipal do Algarve (AMAL)

David Thomas, Presidente da Associação Safe Communities Portugal (SCP)

10h00 - 10h30

Visão geral do papel e dos planos durante as catástrofes

Comandante Vaz Pinto I Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Faro

Painel 1

10h30 - 10h50

Riscos de saúde durante e no rescaldo de incêndios rurais e outras catástrofes. Resposta em situações de emergência

Paulo Morgado I Presidente do Conselho Diretivo Administração Regional de Saúde do Algarve (ARS)

10h50 - 11h10

Resposta em situações de emergência

Alberto Mota Borges | Diretor do Aeroporto Internacional de Faro

ANA - Aeroportos de Portugal

Pausa

11h30 - 11h50

Compreender o clima e a sua influência nas atividades ao ar livre - alterações climáticas

Miguel Miranda | Presidente Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA)

11h50 - 12h10

Comunicação com os clientes relativa a condições meteorológicas adversas e em situações de emergência

Elidérico Viegas | Presidente da Direção da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA)

12h10 - 13h00

Debate com o painel de oradores, PSP e GNR

Marco António Viegas Martins | Comandante do Comando Distrital de Faro

Polícia de Segurança Pública de Faro (PSP)

TBA | Comandante do Comando Territorial de Faro

Guarda Nacional Republicana (GNR)

Tiago Oliveira | Moderador

Presidente do Conselho Diretivo

Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF)

Painel 2

14h30 - 15h00

A segurança do turista de uma perspetiva internacional

Donna Boucher | Senior Destinations Executive

Association of Travel Agents and Tour Operators (ABTA), Londres

15h20 - 15h40

Portugal Chama - Talvez Social mobilization & Call to action

Sarah Otero | Perito Coordenador - Comunicação e Relações Públicas

Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial

15h40 - 16h00

Comunicação, Comunicação, Comunicação

David Thomas | Presidente

Associação Safe Communities Portugal

16h20 - 17h00

Debate com o painel de oradores e Embaixada Britânica

17h00 - 17h15

Conclusões

João Fernandes | Presidente da Direção da Região de Turismo do Algarve (RTA)

17h15 - 17h30

Encerramento

Ana Mendes Godinho | Secretária de Estado do Turismo

Secretaria de Estado do Turismo